

GRAVIDEZ NÃO PLANEJADA NA ADOLESCÊNCIA X USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS

KAMILA DIAS GONÇALVES¹; LUIZA ROCHA BRAGA²; SUSANA CECAGNO³;
IVANETE SANTIAGO⁴; JULIANA BRITTO⁵; MARILU CORREA SOARES⁶.

¹Universidade Federal de Pelotas – kamila_goncalves_@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luizarochab@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – cecagno@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – ivanete25@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – jubferreira98@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – enfermeiramarilu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Planejamento Familiar é a segurança do direito básico do homem e da mulher em ter seu contexto reprodutivo garantido na Constituição Federal, ou seja, é permitir ao indivíduo a livre escolha de ter ou não ter filhos, assegurando sua contracepção e/ou concepção. A população brasileira tem este direito assegurado desde 12 de janeiro de 1996, após a sanção da Lei nº 9.363 que regulamenta o planejamento familiar e garante acesso aos meios de concepção ou anticoncepção assegurados pelo SUS (BRASIL, 2002).

O cidadão brasileiro tem o direito de decisão e estruturação familiar, pode decidir por ampliar a família e planejar ter um ou mais filhos, bem como não ter filhos. Quando optar por ter filho(s), o brasileiro receberá por direito assistência pelo SUS como, por exemplo, os cuidados prestados à gestante durante o pré-natal. Quando a opção é não ter filho(s), o cidadão poderá utilizar de métodos contraceptivos disponibilizados pelo SUS, como anticoncepcional oral e/ou injetável, camisinha masculina e feminina.

Quando se junta gravidez e adolescência, grande parte da população entende a gravidez como fato desfavorável aos adolescentes por dificultar ou atrasar fatores importantes no desenvolvimento pessoal como, por exemplo, os estudos. De fato, a gravidez na adolescência é vista como problema de saúde pública por leigos em rodas de conversa e por alguns estudiosos que pesquisam e refletem a temática desde a década de 70 (PARIZ; MENGARDA; FRIZZO, 2012).

A gravidez na adolescência pode acontecer de maneira não planejada ou não desejada, muitas vezes, decorrente de descuido, omissão, inabilidade ou problema no uso de método contraceptivo. Por outro lado, pode acontecer de forma planejada, visto que muitas adolescentes compreendem a maternidade como amadurecimento e reestruturação de suas vidas e ascensão social (SILVA et al., 2009; LIMA et al., 2004).

As representações sociais dos indivíduos influenciam diretamente nas suas concepções de ser e estar na sociedade, de maneira que o conhecimento e as atitudes da adolescente estão ligados às informações adquiridas no contexto social em que vivem. Neste sentido, a Teoria das Representações Sociais possibilita compreender a construção dos conhecimentos e posicionamento dos indivíduos em seu cotidiano de vida (MOSCOVICI, 2010).

Por meio das representações sociais, é possível perceber como as adolescentes dão significado à vivência da gravidez não planejada e como dão significado a este fenômeno na sua vida cotidiana.

2. METODOLOGIA

O presente resumo é parte dos resultados da pesquisa “Representações sociais acerca do planejamento familiar para adolescentes que vivenciaram a gravidez recorrente”. Trata-se de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici. Fizeram parte desta pesquisa nove adolescentes, com idades entre 10 aos 19 anos de idade que vivenciaram a gestação recorrente. Os dados foram coletados no período de março a maio de 2017, por meio de entrevista semiestruturada com as adolescentes em dois bairros com maior incidência de gestação na adolescência do município de Pelotas/RS. O projeto foi avaliado pelo CEP da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas e aprovado por meio de parecer consubstanciado número 1.967.166 e CAAE número 64151816.2.0000.5317.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As adolescentes deste estudo apresentaram suas representações sociais da gravidez não planejada que possibilitou observar diferentes dimensões de representações sociais tais como “o desejo de ser mãe como justificativa do não planejamento”; “aceitabilidade”; “déficit e/ou falta de conhecimento”; “papel de cuidadora do filho e da família”; “perda da juventude”; “uso inadequado de métodos contraceptivos”

Na ocorrência de uma gravidez que não foi planejada as adolescentes têm a percepção de ter planejado a gravidez verbalizada pelo fato de terem desejado uma filha. Compreende-se que após a descoberta da gestação, a vontade de ter uma filha contribuiu para o projeto de “ser mãe de uma menina”, o que não se configura como planejamento de uma gestação.

O “uso inadequado de métodos contraceptivos” como representação social também está presente nos relatos, onde as participantes afirmam que vivenciaram sua segunda gravidez de forma não planejada devido à falta de controle na utilização do contraceptivo oral.

Estudo de Duarte, Holanda e Medeiros (2012) apontou que as adolescentes demonstram conhecimento inadequado a respeito dos métodos contraceptivos e do uso dos mesmos e a utilização de forma incorreta está entre um dos fatores que levam a adolescente a engravidar sem desejar.

O “déficit e/ou falta de conhecimento” assim como “uso inadequado de métodos contraceptivos” como representações sociais estão ancoradas, possivelmente, na falta de orientação das adolescentes. As adolescentes criam suas representações sociais de acordo com o universo em que vivem, ou seja, quando permeadas de orientação acerca dos métodos contraceptivos, suas representações serão positivas e adequadas para o uso correto, evitando assim a gravidez não planejada.

Cabe aos pais, escola e serviços de saúde orientar os adolescentes acerca dos métodos contraceptivos quanto aos seus objetivos, importância e uso adequado, visto que são os principais meios de convívio social das adolescentes e por tanto, estão diretamente ligados ao cotidiano de vida desta população.

As orientações dos profissionais da saúde são essenciais para as adolescentes que farão uso dos anticoncepcionais orais e injetáveis. Tanto no momento da prescrição médica quanto na administração do método a

adolescente precisa ser orientada a respeito do uso adequado e dos riscos que podem correr ao utilizar o método de forma incorreta.

Cabe ressaltar que além das informações/orientações da utilização adequada dos métodos contraceptivos orais ou injetáveis, os profissionais da saúde precisam orientar as adolescentes acerca da utilização dos métodos de barreira (camisinha masculina e camisinha feminina), visto que são os únicos capazes de proteger a infecção por Doenças Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

Os principais motivos para falta de uso do preservativo de acordo com Glordano e Glordano (2009), geralmente são a falta de motivação do casal, interferência na dinâmica sexual, diminuição na sensibilidade genital e aquisição que pode constranger a adolescente.

Quando indagadas a respeito da descoberta da primeira gestação, as adolescentes deste estudo referiram “perda da juventude”. O sentimento de “perda da juventude” é uma representação social que pode estar atrelada a fatores como a evasão escolar, afastamento de amigos que dificultam a socialização e impõem a transição brusca para o mundo adulto.

Há o relato do susto com a descoberta inesperada da gravidez e a consciência da “perda da juventude” pelo fato de tão nova ser mãe. Entretanto, mesmo diante de duas gestações, observa-se a demonstração de amor pelos filhos e a capacidade de lidar com a situação de forma serena ao expor que “não passa trabalho”.

Acredita-se que o padrão de tutela masculina leva a adolescente ao mundo adulto, como mãe e dona de casa. Este universo popular cobra que as adolescentes assumirem papéis restritos e por conta desta restrição, a adolescente pode resignificar a representação social de “papel de cuidadora do filho e família”

4. CONCLUSÕES

As representações sociais acerca da gravidez não planejada na ótica das adolescentes deste estudo estão diretamente ligadas ao universo consensual, ou seja, ao conhecimento socialmente compartilhado que impera no senso comum. As adolescentes utilizaram-se de suas representações sociais para justificar a vivência da gravidez não planejada, ancorando-se por vezes na falta de conhecimento e/ou no uso inadequado de métodos contraceptivos.

Acredita-se que os conhecimentos relacionados aos métodos contraceptivos são insuficientes, por consequência, a adolescente vivencia uma gestação indesejada ou não planejada que, por vezes, é remediada pela aceitação como única saída para o “problema”.

Junto ao enfrentamento de vivenciar a maternidade tão cedo estão atrelados fatores como a perda da juventude e a imposição social do exercício do papel de cuidadora do lar.

Reforça-se a necessidade de ações preventivas e educativas quanto aos métodos contraceptivos na perspectiva de informar as adolescentes quanto ao Planejamento Familiar, de maneira que possam tomar a decisão de quando desejam planejar sua família.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Assistência em Planejamento Familiar: Manual Técnico/Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher – 4a edição – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

DUARTE, C. F.; HOLANDA, L. B.; MEDEIROS, M. L. Avaliação de conhecimento contraceptivo entre adolescentes grávidas em uma unidade básica de saúde do Distrito Federal. J Health Sci Inst, v. 30, n. 2, p. 140-143, 2012. Disponível em: < https://www.unip.br/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2012/02_abr-jun/V30_n2_2012_p140-143.pdf>.

GIORDANO, M. V.; GIORDANO, L. A. Contracepção na adolescência. Adolescência e saúde. Adolescência & Saúde, v. 6, n. 4, p. 11-16, 2009. Disponível em: < http://www.hebiatriabatistela.com.br/pdf/contracepcao_na_adolescencia.pdf>.

LIMA, C. T. B.; FELICIANO, K. V. O.; CARVALHO, M. F. S.; SOUZA, A. P. P.; MENABÓ, J. B. C.; RAMOS, L. S, et al. Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. Revista Brasileira de Saude Materna Infantil, v. 4 n. 1, p. 71-83, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v4n1/19983.pdf>>.

MOSCOVICI, S. Representações Sociais: investigação em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PARIZ, J.; MENGARDA, C. F.; FRIZZO, G. B. A atenção e o cuidado à gravidez na adolescência nos âmbitos familiar, político e na sociedade: uma revisão de literatura. Saúde Social, v. 21, n.3, p. 623-636, 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n3/09.pdf> >.

SILVA, L. A.; NAKANO, A. M. S.; GOMES, F. A.; STEFANELLO, J. Significados atribuídos por puérperas adolescentes á maternidade: autocuidado e cuidado com o bebê. Texto Contexto Enfermagem, v. 18, n. 1, p. 48-56, 2009.

SOUZA, A. X. A.; NÓBREGA, S. M.; COUTINHO, M. P. L. Representações sociais de adolescentes grávidas sobre a gravidez na adolescência. Psicologia & Sociedade, v. 24, n. 3, p. 588-96, 2012.